



VOZ de ANTAS

Director e Editor
M: BRITO FERREIRA

Administ.
A. FARIA

Propriedade da Paróquia
S. PAIO DE ANTAS

Redacção
CENTRO PAROQUIAL
Telef. 87250/130/177

Compos. e Impressão
PAX — BRAGA

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

O VALOR DO TRABALHO...

Quando chegados ao fim de um dia de trabalho, nos sentimos débeis, cansados, sem forças, quando, depois de horas e horas de labuta, todo o corpo nos dói, os braços parecem chumbo, surge-nos inevitavelmente a pergunta: Para que serve tanta cansaça, tanta pena, tanta luta? Somos tentados a pensar que as poucas migalhas, que a cada dia se recolhem tão arduamente, são pagas por um esforço excessivo, pois acarretam tanta dor, tanto suor, tanto sacrifício! Assim urge saber um pouco o que significa o trabalho e o seu valor.

Este complicado problema poderá parecer, à primeira vista, de uma simplicidade infantil; pois se o trabalho tem como função de prover o nosso sustento, ele valerá tanto quanto vale o nosso esforço, para o realizar, isto é, será igual àquilo que nos pagam em escudos.

No entanto, se encararmos o problema sob o ponto de vista cristão, como fonte e meio para a santificação e para a perfeição, compreenderemos, quanto se enganam aqueles que apenas vêem na actividade humana um instrumento de bem-estar material; como fornecendo, somente «o pão nosso de cada dia».

Após a queda do homem, com o pecado original, Deus disse ao homem: «Ganharás o pão com o suor do teu rosto». E o trabalho, que antes era como um jogo ou como um desporto veio juntar-se o carácter penoso, que o transforma, não raras vezes numa pesada cruz.

Cada um à sua maneira, segundo as suas próprias possibilidades, tem o direito e o dever de se desenvolver integralmente. Um desses meios à sua disposição é o trabalho.

Logo, no princípio da criação, Deus deu ao homem a responsabilidade de se valorizar, desenvolvendo a face da terra, pelo seu trabalho. O actual Concílio, lembra que «Deus destinou a terra e tudo o que nela existe ao uso de todos os homens e de todos os povos, de modo que os bens da criação afluam com equidade às mãos de todos, segundo a regra da justiça, inseparável da caridade» (Gaudium et Spes, n.º 69, § 1).

Nesta medida o trabalho corresponde à vontade de Deus e ao esforço de cada homem. Somos criados por Deus, recebendo d'Ele o poder de dominar a terra.

As obras humanas de maneira alguma se opõem ao poder de Deus. Quanto mais cresce o poder do homem sobre a Natureza, maior é a alegria de Deus. As vitórias do género humano

(Continua na pág. 9)



Foi há 25 anos que o P. Domingos Neiva celebrou a primeira missa em S. Paio de Antas. Na mesma igreja em que recebeu o Baptismo. Onde

BODAS DE PRATA SACERDOTAIS

aprendeu a catequese, onde fez a primeira comunhão e a profissão de fé.

Nesta risonha aldeia que o mar beija e o rio Neiva abraça viu a luz do dia. Daqui partiu, com sonhos de grandeza e a alma a transbordar de generosidade, rumo ao Seminário. Foi isso no dia 1 de Outubro de 1942. Dura e espinhosa era a caminhada. Não faltava a coragem e a decisão, apesar de tenra a idade!

A 5 de Março de 1955 era sacerdote. Terminava o sonho. Começava a realidade. Realidade por vezes dura e amarga. É que por vezes a incompreensão dos homens faz sofrer!... Os longos anos de preparação no Seminário, repassados de duras provas, com uma disciplina rigorosa, por

vezes aparentemente desumana... mais não foram do que o acumular de energias morais para a vida apostólica que o esperava.

A actividade sacerdotal e missionária, ao longo destes 25 anos, tem sido desenvolvida nas casas de formação da Congregação do Espírito Santo. Primeiro foi o Seminário da Silva, depois o de Viana, em seguida o de Godim, para em 1962 ser colocado no Instituto Superior Missionário da Torre d'Aguilha, próximo de Carcavelo. Aí permaneceu até 1978, acumulando as funções de professor de música e mais tarde as de ecónomo, com as de Capelão do Hospital Ortopédico Nossa Senhora de Fátima, na Parede. O P. Domingos Neiva deixou atrás de si uma onda de simpatia, em todos os seminários por onde passou!

Depois de um ano de reciclagem, em Roma, no ano lectivo de 1978-1979, e-lo no Seminário de Filosofia do Fraião, em Braga. Aqui continua actualmente, a dedicar-se com renovado entusiasmo e a mesma generosidade de sempre à formação dos jovens que se preparam para a vida sacerdotal e missionária.

(Continua na 7.ª pág.)

O Cruzeiro da Senhora dos Remédios

Agora que a D. Candinha Ferreira e seu marido Sr. Ernesto Vinha, doaram à Paróquia o referido Cruzeiro, vem a propósito alinhar algumas notas referentes ao mesmo; no entanto, como não há documentos escritos, servimo-nos apenas da tradição, e se entretanto houver algum pequeno lapso, disso pedimos desculpa aos nossos possíveis leitores.

Como é sabido, quando o Sr. Padre Bento veio paroquiar a nossa freguesia, a Igreja era demasiado pequena e sem qualquer valor artístico digno de nota, além disso também não tinha Adro que se visse; Em frente à Igreja havia um velho pardieiro era apenas uma cangosta em toda a volta da Igreja e o espaço de terreno que hoje fica em frente a residência Paroquial; foi aí o primeiro cemitério fora da Igreja, e era aí que se erguia o Cruzeiro Paroquial, pre-

cisamente no sítio onde hoje fica o poço do passal. Ora, quando o Sr. Padre Bento empreendeu a reforma da nossa Igreja, tratou logo de arranjar um Adro condigno;

(Continua na 7.ª pág.)

Defesa do Rio Neiva na Assembleia da República

O arquitecto Gomes Fernandes, que integra a Comissão de Defesa do Neiva, na qualidade e ao abrigo do estatuto de deputado, apresentou em 22 do passado mês de

Abril, ao Presidente da Assembleia da República, o requerimento do seguinte teor:

A Secretaria de Estado do Ordenamento Físico e Ambiente, Ministério da Administração Interna e Ministério da Habitação e Obras Públicas

Noticiaram há meses os jornais que as populações da bacia do Neiva se haviam manifestado contra a canalização, sem qualquer tratamento prévio, dos esgotos da Zona Industrial de Viana do Castelo para o Rio Neiva, pondo em perigo não só a qualidade das águas daquele rio como alterando profundamente o equilíbrio ecológico das po-

(Continua na 2.ª pág.)

Memórias da nossa terra

VII

Emprazamento do Assento da Igreja de S. Paio de Antas para todo o sempre.

A bula que concede os bens do Assento da Igreja de S. Paio de Antas a Manuel de Faria em fateosim pepétuo, isto é: para todo o sempre, foi emitida em Roma a 23 de Fevereiro de 1566, no decorrer do primeiro ano do papado de Pio V. Foi com essa bula na mão que dois anos mais tarde, a 23 de Agosto de 1568, cumpridas todas as formalidades que o caso exigia o desembargador e vigário geral do Arcebispado de Braga, Dr. António Francisco de Varajão, declarava: «Pela autoridade apostólica a nós cometida por virtude da dita bula, declaramos o dito prazo velho em três vidas feito, ser daqui por diante «in epheteosim perpetuum» e por tal o confirmamos e apro-

vamos e enquanto é necessário de novo o emprazamos para todo o sempre ao dito Manuel de Faria, morador em a vila de Barcelos e sua mulher, sucessores e descendentes «in epheteosim perpetuum».

(Continua na pág. 10)

O RECINTO POLIDESPORTIVO PAROQUIAL

(4.ª fase das obras paroquiais) em vias de conclusão

(Ler notícia na pág. 5)

Autarquias Locais

Coluna informativa elaborada pela Junta de Freguesia

Estando inicialmente marcada para o dia 28 de Março, a primeira reunião ordinária da Assembleia de Freguesia e não se tendo efectuado nesse dia por motivos vários, realizou-se no dia 18 de Abril com a ordem de trabalhos que previamente havia sido marcada. Depois de os membros da assembleia terem ocupado os seus lugares foi lida a Acta da reunião anterior, a qual mereceu alguns reparos por parte dos elementos do PSD, reparos esses que os elementos do CDS julgaram de somenos importância. Em seguida o presidente da assembleia leu um pedido do sr. Armando Viana Meira Torres para que lhe fosse permitido transferir a sua oficina de carpintaria para o Barracão que possui na Cuturela, embora essa transferência se faça a título precário pelo prazo de um ano: Atendendo a que ele se compromete a retirá-la de lá, logo após este prazo, a assembleia aprovou por unanimidade tal pedido.

Ao iniciar-se o período da Ordem do Dia, os elementos do PSD apresentaram um protesto por não se ter efectuado a reunião no dia inicialmente marcado e no qual se pedia para serem marcadas faltas aos que não compareceram no referido dia; este protesto foi totalmente rejeitado pelos elementos CDS. Seguidamente foi lembrada a necessidade de ser electrificada a zona de terreno de cultivo que compreende os chamados cortelhos de Guilheta e Belinho, a fim de a rega dos mesmos ser feita por motores eléctricos. O Presidente da Junta, respondeu que por sua sugestão, tal electrificação em breve seria um facto, pois já estão construídas as cabinas de transformação, restando apenas, fazer a rede de distribuição.

Como da Ordem de Trabalhos constasse a escolha e aprovação do local para a implantação de um Infantário, a Junta de Freguesia informou a assembleia que as duas primeiras freguesias que o apresentassem na Câmara Municipal os terrenos livres para a implantação dos mesmos, seriam as que mais depressa veriam os seus desejos satisfeitos; Ora como os terrenos nem sempre se encontram disponíveis para o efeito desejado a Junta informou que havia diligenciado no sentido de grangear terreno a tempo de não ser ultrapassada por outras freguesias, mais dizendo, que já havia a promessa de terreno cedido gratuitamente no lugar da Estrada, na chamada Bouça dos Barros; mas como a cedência deste terreno impõe condições de difícil solução a curto prazo, a Junta iria encetar diligências para a possível aquisição de outro, que pudesse satisfazer as condições exigidas, e nesse sentido pediu autorização à Assembleia para poder diligenciar livremente sem ter de dar conhecimento à referida Assembleia. Posto isto à consideração dos seus membros, estes exigiram o intervalo de uma semana antes de ser votada tal proposta, e neste espaço de tempo se veria o andamento do referido processo de aquisição do terreno; depois destas considerações a sessão foi suspensa sendo marcada a sua

continuação para o dia 24 do mesmo mês de Abril...

No dia 24, e depois de todos os membros da Assembleia, bem como a Junta terem ocupado os seus lugares, deu-se continuidade à reunião; sendo perguntado à Junta em que ponto se encontravam as diligências para a implantação do Infantário, foi respondido que haviam deparado com sérias dificuldades por parte dos proprietários dos terrenos que ofereciam melhores condições, e assim a Junta pediu novamente autorização para poder actuar livremente neste assunto, sem interferência da Assembleia, esta proposta teve votos favoráveis dos elementos, CDS e votos contra dos elementos PSD havendo ainda a registar declarações de voto. Em seguida a Junta fez uma exposição daquilo que espera realizar a curto prazo como seja, construção da sede da Junta para o que tem a promessa de 500 000\$00; reforço da rede eléctrica e iluminação pública no lugar de Belinho, bem como nos restantes lugares da freguesia, construção da cabine de transformação no lugar do Monte a fim de poderem ser satisfeitos todos os pedidos de electrificação de casas já de há muito programadas.

Quanto aos caminhos, foi dito que o de Belinho a S. João não seria o primeiro a fazer-se como estava previsto, em virtude de exigir várias obras de engenharia, e de ser necessária a intervenção de técnicos do Gabinete de Apoio Técnico, mas mesmo assim espera-se que a sua construção esteja para breve.

No entanto, enquanto se fazem os estudos para o seu trajecto, foi dito que iria ser feito o parque de estacionamento na Foz do Neiva, e a estrada que irá da casa do tio Paulo até às Ribes, através dos campos. Mais foi dito, que juntamente com a estrada do lugar de Belinho, iria ser estudado um plano de rega

que abrangesse todos os campos da freguesia a jusante de Sulcimas, até ao fundo de Guilheta.

Terminada esta exposição por parte da Junta, foi reservada meia hora para a intervenção do público; sendo feitas várias intervenções, todas elas relacionadas com o Infantário, no entanto nenhuma intervenção mereceu destaque especial.

Como a Junta não pudesse apresentar nesta sessão as contas relativas ao ano de 1979 foi esta suspensa, marcando-se a sua continuação para o dia 2 de Maio...

No dia 2 de Maio, à hora combinada, deu-se continuação à sessão, que como ficou dito, teve de continuar, por a Junta de Freguesia não ter podido apresentar as contas do de 1979 no sessão anterior. Logo de início a Junta fez distribuir uma fotocópia das referidas contas por cada um dos membros da Assembleia. Logo ao principiarem a

sessão gerou-se um pequeno incidente por alguns elementos do público quiserem usar da palavra antes de chegar a sua vez; no entanto foi rapidamente sanado, podendo ser discutidas e votadas as referidas contas, sendo aprovadas logo de início na generalidade com os votos CDS tendo-se absterido os elementos PSD; não foram discutidas na especialidade porque os elementos CDS a isso se opuseram.

Seguidamente foi dada a palavra a elementos do público que para esse efeito se teriam de inscrever previamente: foram feitas várias perguntas, quer à Junta quer à Assembleia às quais foram dadas as respostas pedidas; no entanto algumas intervenções não mereciam qualquer resposta, dada a maneira provocatória e deseducada como foram feitas. Depois da intervenção do público foi encerrada a sessão que embora fosse aguardada com grande expectativa não correspondeu ao interesse nela depositado.

Defesa do Rio Neiva na Assembleia da República

(Continuação da 1.ª pág.)

voações que estão nas suas margens, com repercussão na vida de pessoas e animais.

Trata-se de uma zona de grande riqueza agrícola e de agro-pecuária, para além do seu potencial turístico e valor paisagístico.

Assumi posteriormente a Câmara Municipal de Viana do Castelo o compromisso

de elaboração dos necessários estudos, com vista à condução dos efluentes até ao mar, tendo os trabalhos em curso sido suspensos.

Nestes termos, solicito ao Governo que, pelas Comissão Nacional do Ambiente, Direcção-Geral da Administração Regional e Local, Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico e Direcção-Geral do Saneamento Básico me sejam prestados os seguintes esclarecimentos:

1. Situação em que se encontram os estudos da Zona Industrial de Viana do Castelo, situada em terrenos da freguesia de Anha daquele concelho, quanto aos seguintes aspectos:

- a1 — Projecto de ordenamento de território envolvente da citada zona e articulação desta com o mesmo;
- a2 — Tipos de indústrias a implantar e já construídas;
- a3 — Solução prevista para o tratamento dos efluentes, em cada unidade de per si e na globalidade dos mesmos.

Imagens e objectos de valor INVENTARIAÇÃO

Segundo uma circular do Senhor Arcebispo Primaz vão ser inventariadas todas as Imagens e objectos de valor existentes nas Igrejas da nossa Arquidiocese; na nossa Igreja foi feito já um pequeno inventário que classificou os seus objectos e Imagens da seguinte forma.

- Um relógio de sala, Francês de pêndulo trabalhado.
- 3 vasos — Pixides — de Prata.
- 2 vasos — Pixides — de copa de prata e pé de metal.
- 2 cálices — com pé de metal e copa de prata.

- 1 cálice de prata dourada.
- Uma custódia de prata.
- Uma Cruz Paroquial em prata.
- Uma caldeira de prata.
- Um turbilho de prata.
- Uma naveta de prata.
- Uma caldeira de prata.
- Uma cruz de estanho.
- Uma cadeira paroquial — Luís XVI
- Uma cruz — crucificado — século XIX.
- 2 Serafins — Barrocos — século XVIII.
- Colunas com carrancas de meio corpo com cortinados.
- Uma Imagem de S. Paulo, século XVIII.
- Uma Imagem de S. José Operário, século XVII.
- Uma Imagem de S. Sebastião, século XVIII «Barroco».
- Uma Imagem de Santo António século XVIII.
- Uma Imagem de S. Braz, século XVII.
- Uma Imagem de Nossa Senhora da Conceição, século XVI.
- Uma Imagem de Nossa Senhora da Purificação, século XVIII.
- Uma Imagem de Nossa Senhora das Vitórias com coroa de Prata sendo a imagem policromada do século XVI.
- Uma Imagem de Santa Marta, século XVIII.
- Uma Imagem de Santo Amaro, século XVII.
- No Altar Lateral chamado do Santíssimo a talha que se encontra por cima do Sacrário é da Renascença Italiana

Quadras soltas

dedicada aos distribuidores da «Voz de Antas»

Distribuem Voz de Antas
Com amor e com carinho
Correm de casa em casa
De caminho em caminho

Voz de Antas pregoeiro
E arauto da verdade
Levam-te a tantas casas
E tu levas felicidade

Voz de Antas na sacola
Quasi parecem ardinas
Correm ruas e cantinhos
E param-se nas esquinas

Voz de Antas meu jornal
Eu tenho-te em minhas mãos
Faz que pequenos e grandes
Todos sejamos irmãos.

Zé do Campo

Confraria do Santíssimo Sacramento

A mesa administrativa da Confraria do Santíssimo Sacramento, apresenta contas da Festa do Senhor aos Enfermos:

Despesa	
Banda de Música	20 600\$00
Fogó	5 850\$00
Grupo Coral	2 000\$00
Total 28 450\$00	
Peditório da Freguesia	31 200\$00
Saldo 2 750\$00	

que reverte a favor da Confraria.

A Confraria agradece a boa vontade e colaboração de toda a Freguesia.

Notícias Locais

Pe. Francisco Dias Cubelo Soares

Faleceu em Fão a 17 de Abril/80

Nasceu em Fão a 11-4-890. Ordenado sacerdote na Matriz de Vila do Conde a 21-12-912. Celebrou a Missa Nova em Fão a 25-12-912. Professor e Prefeito no Seminário de Braga e depois pároco de Gandra, perto de três anos. Foi pároco de Marinhãs desde 1919 a 31-12-1970.

Os 90 anos de vida que Deus lhe concedeu foram, todos eles, uma retribuição no seu múnus sacerdotal, servindo no púlpito, no confessional, no altar e na visita aos paroquianos — os quatro polos da vida de um pároco.

Semana Cultural em honra do P. Benjamim Salgado de 5 a 11 de Maio

O Orfeão Famalicense, coadjuvado e apoiado pela Fundação Artur Cupertino de Miranda e Câmara Municipal leva a efeito uma semana cultural em honra do saudoso escritor e orador, seu regente, e que consta do seguinte programa: 5 de Maio, 21,30, na Fundação inauguração da exposição de música impressa e manuscrita do P. Benjamim Salgado com palavras alusivas do Dr. Manuel Faria; 8, à mesma hora, e no mesmo lugar, concerto de piano por Maria José Souto Guedes; 9, idem, sarau musical com a participação do Orfeão Famalicense, Grupo Coral de Lousado, Centro de Arte e Cultura do Bairro e Orfeão Santiago (Bougado), para executar obras do saudoso extinto; 10, às 15, sarau pelo Coro Infantil de Lousado; 12,30, sarau pelo Coral Infantil do Centro de Arte e Cultura Popular de Bairro; 11, Joane, romagem ao túmulo do falecido, às 10 h.; 11,30, desfile dos escuteiros pelas ruas de Famalicão; 12, missa na matriz presidida pelo Sr. Arcebispo Primaz.

O Coro Infantil

O coro infantil começou por organizar-se em 1978 no mês de Abril com um grupinho de crianças dos 6 aos 13 anos.

Esse grupo era constituído por 45 elementos, sendo 5 masculinos e os restantes femininos havendo agora perto de 70 elementos no grupo infantil.

Todos os sábados das 2 às 4 horas da tarde encontram-se com o organista para ensaiar alguns cânticos e canções populares.

Umbela

Completamente renovada a expensas de Manuel Lapeiro Júnior, que ascenderam a largos milhares de escudos.

Leilão

A cofragem que serviu para construir a bancada do Ring, foi leiloada por (1 600\$ + 3 000\$ + 800\$).

Turista que regressa da Argentina

Maria da Caramalha, residente no lugar de Cima, fez uma digressão turística pelas terras da Argentina, visitando os filhos, outros familiares e amigos, tendo regressado após largas semanas, em meados de Abril. Veio «carregada» com «millones» de pesos argentinos para a «Voz de Antas» e um bom «recuerdo»...

Colocação

A prof. Maria Couto, de Grilheta foi destacada para leccionar na Ilha da Madeira. A Maria Couto que tinha o encargo de Animadora dos Encantos dos pré-adolescentes. «Voz de Antas», felicita e votos de bom trabalho.

Conferência Vicentina

Maria Amélia, do lugar do Monte, a importância de 10 780\$00, produto da colecta no dia 12 de Março p.p. Este gesto dum assembleia de fiéis denotou o solenidade fraterna ao repor as economias numa simples jornaleira que foi vítima da cáfila de patifes que a roubaram.

A roubar... é que eles se arranjam! Mas... até quando?

Curiosidade

Crianças nascidas em:

	1974	1975	1976	1977	1978	1979
	(c/6 anos)	(c/5 a)	(c/4 a)	(c/3 a)	(c/2 a)	(c/1 a)
Meninos	25	19	16	27	27	14
Meninas	34	27	13	23	20	16
Total	59	46	29	50	47	30

Sugestão/Convite

O Bar da Sala de Convívio do Centro Paroquial convida todos os responsáveis pelo seu funcionamento ao longo dos últimos quatro anos de actividade, para o dia 31 de Maio, às 9,30 h. da noite, (ou seja às 21 h. e 30 minutos), na Sala de Espectáculos do C. Paroquial, para uma confraternização. Serão umas largas dezenas de jovens que conviverão em franca e acolhedora cavaqueira. Despejar-se-ão, ao mesmo tempo, umas garrafas do precioso nectar Espumante natural. Comparece!

Comissão de Festas a Nossa Senhora das Vitórias

A Comissão de Festas a Nossa Senhora das Vitórias começou a nobre mas difícil e ingrata missão — PEDIR PARA A FESTA. Dirijem-se a todos. Precisam de todos — presentes e ausentes — para tornar possível a solene homenagem de louvor a

Nossa Senhora das Vitórias, proporcionando aos milhares de devotos e forasteiros um atraente e acolhedor programa já traçado.

Que sejam todos a afirmar a nossa Confiança e Fé a Nossa Senhora das Vitórias dando continuidade à Homenagem a que os nossos ancestrais sempre se devotaram.

Bar

O Bar da sala de convívio da C. Paroquial, no passado mês de Abril, apresentou o rendimento de 9 802\$00, sendo responsáveis Justino José Gonçalves e Fernando Azevedo Moreira.

Bovina

A Bovina vai fazer mais um rateio para indemnizar uns prejuízos aos sócios seguintes:

Maria Alves Rolo, <i>toura avariada</i>	3 900\$
Manuel A. L. Amaro, <i>cria morta</i>	7 000\$
Ernesto L. F. Vinha, 2 vacas	
2 chifres	2 000\$
Total	12 900\$

Esmola do ovo

Primeiro trimestre de 1980

Lugar de Cima e Igreja	450\$00
Lugar do Monte	2 246\$10
Lugar da Pereira	441\$50
Lugar da Estrada	695\$00
Lugar de Azevedo	1 350\$00
Lugar de Belinho	1 520\$00
Lugar de Guilheta	1 980\$00
Soma	8 622\$60

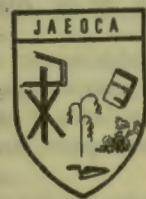
Nascimento

Em Jargeau, França, nasceu a menina Regina Fernandes da Silva, a 13 de Janeiro p. p., filha de Albino Faria da Silva e de Maria Judite. Parabéns aos pais. Felicidades pro bebé.

Óbito

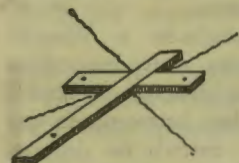
No passado dia 20 de Abril, faleceu no Hospital de S. José, em Lisboa, a esposa do nosso amigo e conterrâneo, Sr. Manuel Fernandes Pereira de Carvalho, D.ª Felmina Jesus de Carvalho, natural de Amora, Concelho de Setúbal. Paz à sua alma.

A JAEOCA



começa
campanha
de novos
Sócios

Ao serviço da Juventude —
caminha com decisão para
o Futuro. Merece o APOIO
de toda a Comunidade Paroquial. Colabora na Campanha dos 1.500



Nas mãos de Deus

Chico da Loja



Francisco Fagundes da Costa, mais conhecido por «Chico da Loja», era filho de Manuel Fagundes da Costa e de Teresa Gonçalves de Araújo, natural da freguesia de Chafé, lugar da Estrada. Nasceu no dia 4 de Setembro do ano de 1900.

Em 1924, então com 24 anos, solteiro emigrou para França, onde permaneceu durante 2 anos. Regressou ao seu país e emigrou novamente, desta vez para o Brasil donde regressou passados 4 anos por motivos de doença.

Ligou-se pelos laços matrimoniais em 1940 com Maria Cândida Pereira de Sá, mais conhecida por «Candinha Costureira», natural desta freguesia.

Nasceu desta união uma filha, Lúcia de Jesus Sá da Costa.

Homem dotado de um talento musical muito apreciado por todos quantos o conheciam, possuía uma concertina da qual não abdicava nos seus momentos de alegria.

Quem não se recorda do «Chico da Loja» e da sua concertina?

O seu dote musical é, com efeito, uma característica, da qual não nos podemos esquecer, pois onde ele estivesse, reinava, sem dúvida, a música e a alegria gerava-se logo no seio dos grupos.

Era frequente, convidado para alegrar festas, romarias, cortejos e outros acontecimentos, como por exemplo, a «Parada Agrícola de Viana». Contudo, sempre sem ganhar nada, pois fazia-o por gosto e mera diversão.

Este facto proporcionou-lhe uma maior expansão do seu talento e tornou-se bastante conhecido nas freguesias vizinhas onde todos o estimavam e com os quais fazia boa convivência.

Como todos os seres humanos, também a sua saúde física foi abalada e essencialmente a partir dos 75 anos começou a padecer bastante.

Há 4 anos teve princípios de uma trombose, obrigando-o a retirar-se da vida exterior limitando o seu mundo praticamente à sua família e às paredes de seu quarto.

Dada por findada a sua missão na Terra e reconfortado com os sacramentos da Santa Igreja foi chamado a Deus na madrugada do dia 19 de Abril de 1980, vítima de um derrame cerebral.

Conceição V.

Agradecimento

A Família de Francisco Fagundes da Costa extremamente sensibilizada pelas demonstrações de pesar que lhe foram tributadas quando do faleci-

mento do saudoso extinto, vem por este único meio, muito reconhecida-mente agradecer as provas de amizade e carinho.

Atletismo em Celeirós

No passado dia 25 de Abril o departamento de atletismo da JAEOCA fez deslocar a Celeirós (Braga) uma equipa infantil masculina para participar numa prova integrada nas comemorações do Dia da Liberdade.

A equipa, composta por Ilídio Brito (8.º l.), Augusto Viana (14.º) Adélio Cirilo e Cândido Cruz (26.º) obteve o 3.º lugar colectivo — que não foi premiado.

II Curso de Primeiros Socorros

Pela segunda vez vai a JAEOCA, por intermédio do sector de Enfermagem, promover um Curso de Primeiros socorros aberto a todos os interessados, para o qual já estão abertas as inscrições.

Prémio Associativo

Foi instituído, na última reunião do corpo executivo da JAEOCA, o Prémio Associativo, a atribuir anualmente aos associados que mais se tenham distinguido nos departamentos ou subsectores. Em princípio portanto estará vedado aos responsáveis directivos que conforme as disposições estatutárias «têm obrigação de dinamizar cada vez mais o sector que lhes incumbe», excepto em cargos verdadeiramente excepcionais. Pretende a criação do referido prémio estimular a participação dos associados em gerar na vida associativa e excluir à partida, qualquer aspecto competitivo já que o troféu será atribuído secretamente pela direcção e entregue em Assembleia Geral. Esta iniciativa visa igualmente preencher, em certa medida, a lacuna dos Estatutos referente aos chamados sócios honorários.

Conselho Municipal

Em reunião extraordinária efectuada em 10 de Maio de 1980 foram eleitos os dois representantes da JAEOCA no Conselho Municipal de Esposende.

Tal acto vem no seguimento de diligências efectuadas, a convite do presidente da Assembleia Municipal, de acordo com o nosso estatuto de associação desportiva e cultural.

Para aquele órgão autárquico foram eleitos maioritariamente os associados Adélio Torres Neiva da Cruz e Mário Neiva Viana.

Serviço Militar

A fim de cumprir o serviço militar partiu para Tomar em 12 de Maio o nosso colega e amigo Manuel Dias Torres Neiva que exercia na direcção vigente as funções de responsável do sector de Desporto e Educação Física.

A direcção organizou uma pequena festa de despedida, durante a qual lhe foi entregue uma pequena lembrança, como símbolo do agradecimento da juventude pelo muito que já fez e pelo muito que dele há ainda a esperar. Entretanto está igualmente a direcção a providenciar à sua substituição.

Atletismo — Nova Fase

Sob o título em epígrafe referíamos, no número anterior, vários aspectos a estudar no início desta nova época de atletismo.

Como resposta a um relatório apresentado na última reunião resolveu a direcção dar conta, aos associados em geral e muito especialmente aos atletas, do seguinte:

1. Resolveu a direcção delegar plenos poderes de orientação técnica dos atletas em Bernardo Pires (atlet. masculino) e Otilia Ledo (atlet. feminino).

2. Está a direcção a tentar conseguir assistência médica efectuando alguns contactos e convites.

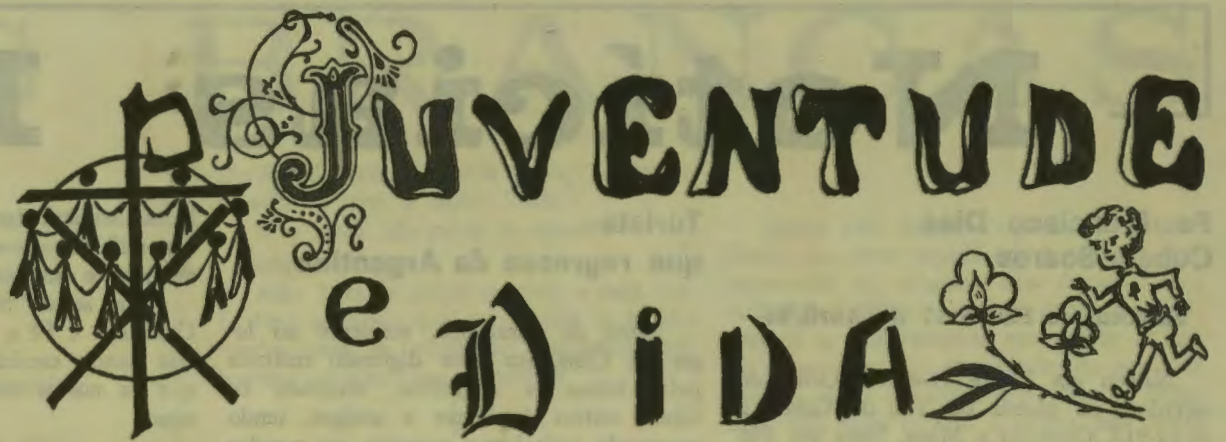
3. Como sede do departamento de atletismo a direcção coloca à disposição dos atletas uma sala que poderá, funcionar perfeitamente nas instalações balneárias do recinto polidesportivo paroquial.

Encontro em Forjães

A convite do Centro Católico Cultural e Recreativo de Forjães deslocaram-se a For-

crónica de:

Mário
Neiva



Noticiário Associativo

jães dois elementos da direcção da JAEOCA para participarem numa reunião ali efectuada pelo executivo daquele organismo.

Esclarecimento

Face aos constantes mal-entendidos que tem suscitado a não-participação da equipa de Atletismo da JAEOCA na prova pedestre Antas-S. Romão, de 4 de Maio passado, faz-se saber o seguinte:

A direcção da JAEOCA não proibiu os seus atletas de participarem na referida prova. Por um consenso — atletas direcção optou-se em 3 de Maio pela não participação com base nas razões seguintes:

1. É do conhecimento da direcção que sócios houve da área que tentaram demover colectividades de participarem na prova que a JAEOCA leva a cabo em 20 de Abril passado.

2. É igualmente do conhecimento da direcção que tem vindo a ser exercida constantes pressões sobre os associados e responsáveis directivos num desrespeito total pela pessoa humana.

3. Após uma participação regular na prova pedestre Antas-S. Romão a organização da referida prova nunca enviou os resultados ao departamento de Atletismo da JAEOCA como prometeu.

4. Finalmente decidiu-se a direcção com os atletas da forma mais democrática possível, pela não-participação de acordo com as razões apontadas. Acrescenta-se que além disso não teve entrada no departamento de Atletismo da Associação nenhum convite da organização da prova.

Informa-se que foi, no entanto, facultada e até encorajada a participação dos atletas ou integrados noutras equipas ou individualmente — mas não com poderes de representatividade da Associação.

Corta-Mato do Montedo

Pelas 9,30 horas do dia 20 de Abril de 1980 teve lugar nos terrenos do Montedo um corta-mato conjuntamente organizado pela JAEOCA (Juventude Agrária Estudantil Operária Católica de Antas) e pela JUM (Juventude Unida de Marinhas).

O corta-mato referido — que compreendia duas provas para atletas masculinos — contou com a participação global de uma centena de atletas representando dezasseis equipas inscritas.

A. Na primeira prova — para atletas com idade não superior aos 14 anos — iniciaram o percurso 33 atletas em representação de 4 equipas. Foram as seguintes as classificações obtidas pelos atletas premiados:

- 1.º Ilídio Brito — JAEOCA — Taça
- 2.º Mário Alves — JUM — Medalha
- 3.º Augusto Viana — JAEOCA — »
- 4.º Adélio Cirilo — JAEOCA — »
- 5.º Jorge Capitão — JUM — »
- 6.º Serafim Ribeiro — JUM — »
- 7.º Sérgio Branco — SCU — »
- 8.º João Novo — JUM — »
- 9.º Augusto Cunha — JUM — »
- 10.º Manuel Lima — ind. — »
- 11.º Vítor Silva — CCCRF — »
- 12.º Cândido Cruz — JAEOCA — »

Além destes completaram o percurso que constava de uma volta ao circuito traçado perfazendo 1500 metros, mais dezoito atletas. Colectivamente a classificação foi a seguinte:

- 1.ª JAEOCA — 8 pontos — Taça.
- 2.ª JUM — 13 pontos — Taça.
- 3.ª Sport Clube União — 3 pontos.
- 4.ª Centro C.C.R. de Forjães — 7 p.

Pela JAEOCA alinharam ainda Horácio Carvalho (20.º), Carlos Brito (21.º) e Carlos Abreu (24.º).

B. Logo após foi dada a partida para a 2.ª prova em que participavam 67 atletas de idade superior a 14 anos e representando doze equipas — sob os olhares atentos de longas centenas de pessoas que presenciaram este corta-mato genuíno.

Desta vez os atletas teriam de efectuar 4 voltas num circuito de configuração natural ímpar, devidamente assinalado e fiscalizado, mercê da boa organização da prova.

Venceu a prova, efectuada sob um calor escaldante, Raul Ribeiro do Núcleo Desportivo «O Setenta» (Braga), arrebatando o troféu para o atleta mais rápido. Nos lugares imediatos situaram-se:

- 2.º Ant. Pinheiro - Gil Vicente FC - Taça
- 3.º Torcato Moreira - JUM - »
- 4.º Manuel Vilaça - «O Setenta» - »
- 5.º Domingos Per. - Gil Vicente - Medalha
- 6.º Carlos Lopes - Maconde A - »
- 7.º Joaquim Faria - Gil Vicente - »
- 8.º Domingos Bar. - Maconde A - »
- 9.º José Silva - «Os 3 Amigos» - »
- 10.º Raul Fernandes - Gil Vicente - »
- 11.º Isafas Carneiro - Maconde A - »
- 12.º José Vinha - Gil Vicente - »
- 13.º Eduardo Marques - JUM - »
- 14.º Paulo Jorge - «Os 3 Amigos» - »
- 15.º Fernando M. - G.D. Meadela - »
- 16.º João Fernandes - «O Setenta» - »
- 17.º Joaq. Teixeira - Maconde A - »
- 18.º José Maduro - JUM - »
- 19.º Alf. Fernando - Maconde A - »
- 20.º Avelino Filipe - JUM - »

Completaram a prova, além desta vintena, mais 38 (trinta e oito) atletas, de modo que a classificação por equipas ficou assim ordenada:

- 1.ª Gil Vicente Futebol Clube — 14 pontos — Taça.
- 2.ª «O Setenta» — 21 pontos — Taça.
- 3.ª Maconde A — 25 pontos — Taça.
- 4.ª JUM — 34 pontos — Taça.
- 5.ª «Os 3 Amigos»
- 6.ª G.D. Meadela
- 7.ª Maconde A.
- 8.ª JAEOCA
- 9.ª Sport Clube União
- 10.ª Associação Rec. e Cultural de Antas
- 11.ª CCCRF
- 12.ª Juventude Desportiva e Cult. de Mar.

Representaram a JAEOCA Augusto Rolo (melhor atleta da freguesia, 29.º classificado), Jesus Caramalho (30.º), Bernardo Viana (37.º), Arlindo Brito (42.º) e António Emílio.

A prova, como já dissemos, decorreu da melhor maneira mercê de uma organização sóbria mas eficiente da JAEOCA e da JUM.

Não teria sido possível levar a cabo este corta-mato genuíno, que preencheu os requisitos de prova de grande envergadura em terreno indicado, sem a colaboração das firmas e entidades que concederam taças ou outros prémios, ou colaboraram de formas diversas a saber: delegação de Braga da D.G.D., Bombeiros Voluntários de Viana, Companhia de Seguros União, Sociedade Portuguesa de Resina Dismutada, Serafim Mourêncio (Forjães), Casa Pereira (Forjães), Filomena Barros Viana, José Augusto, Const. Civil, Rigos e Irmão, Lda. e António Meira da Cruz.

Um agradecimento muito especial aos delegados, atletas, espectadores e aos atletas da Juventude Unida de Marinhas muito particularmente.

E pronto. Foi uma grande jornada de convívio desportivo. Fazemos votos de que no próximo ano sejam melhorados os aspectos porventura menos positivos e que se possa repetir o êxito que constitui, graças ao esforço de todos, este 1.º Corta-Mato do Montedo, conjuntamente levado a cabo pela JAEOCA e pela Juventude Unida de Marinhas.

Passeios

Projectou o Sector de Passeios da JAEOCA os habituais passeios de bicicleta (8 de Junho) e da Comunidade Paroquial (20 de Julho) para os quais vão brevemente ser iniciadas as inscrições.

Inauguração do Recinto Polidesportivo

Foi recentemente constituída uma comissão para traçar o programa da inauguração do recinto polidesportivo paroquial que terá lugar no dia 13 de Julho próximo.

A comissão (composta por Mário Saleiro, Ernesto Vinhas, José de Brito, Mário Neiva e Avelino Cunha Neiva) esboçou já espaço para as modalidades de voleibol feminino, futebol de salão, andebol de sete, hóquei e ginástica rítmica.

Edição de Postais Ilustrados

Vai a JAEOCA, por intermédio do sector de Cultura com apoio da «Voz de Antas» lançar brevemente uma edição de postais ilustrados, com fotos aéreas do recinto desportivo e do complexo de Santa Tecla.

A iniciativa, em que há bastante sentido prático, junta o útil ao agradável, já que é por demais conhecido o valor e beleza de tais postais ilustrados, que serão vendidos a preços acessíveis.

Teatro Infantil

Está praticamente constituído o Agrupamento de Teatro Infantil, iniciativa do Sector de Teatro da JAEOCA.

O referido grupo — que conta cerca de uma trintena de elementos — espera fazer a sua apresentação em público no Dia da Mãe, que se comemora no mês corrente, com uma peça em adaptação livre intitulada «Aventuras do Palhaço Botifarras».

O Recinto Polidesportivo Paroquial

(4.^a fase das obras paroquiais) em vias de conclusão

Coordenação de MARIA OTÍLIA

E agora?

„Voz de Antas,,
levanta a questão
e sonda opiniões.

Vejam os:

Manuel de Faria Viana

Para esta interrogação tenho dois aspectos:

No primeiro e referindo-me concretamente ao plano de obras, eu direi:

Agora... vamos abrandar a marcha, para recuperar novas forças e depois sim, dotar a nossa igreja de tudo o necessário, torná-la portanto, mais atractiva.

Seguidamente é a vez de pensarmos nos nossos velhinhos, pois eles também necessitam de ter um local para o seu diálogo. E o que vamos fazer? Nada mais nada menos que um pequeno Lar para a terceira idade. Seria óptimo!!!

Num outro aspecto queria fazer referência à nossa juventude:

Dêem vida àquelas obras que para eles foram feitas e façam do Ring o seu polo de atracção.

Mário Neiva Viana

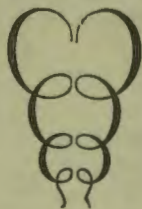
Antes de responder directamente à pergunta acho importante realçar o seguinte:

Para a prática do desporto exige-se hoje em dia estruturas reais que facilitem essa mesma prática, sem ser necessário recorrer obrigatoriamente à carolice de associações «provisórias».

Em segundo lugar vejo a resposta em dois sentidos possíveis: um que definia o rumo sentido, uma vez que o recinto polidesportivo paroquial está em fase de acabamento. A meu ver é imprescindível a marcação do rectângulo, depois a elaboração de um calendário das provas a realizar, após a inauguração do Ring de forma a proporcionar uma prática equilibrada e o mais possível diversificada do desporto. Em suma:

Justificar a existência do recinto.

O outro aspecto referir-se-ia à continuação ou não das obras paroquiais. Nesse caso creio que é necessário apontar objectivamente as carências próprias deste meio e



prosseguir no mesmo ritmo, a série de melhoramentos reais (porque não colaborando com as autarquias?), utilizando um critério de utilidade — na mesma indiferença por quem critica mas não apresenta alternativas...

António Saleiro

Nada enche tanto a alma de um cristão consciente como o trabalho desinteressado pelo bem comum. Por isso ele sente-se sempre em bom ambiente ao lado de quem, generosamente, se dá à resolução de problemas que afligem moral ou fisicamente quem quer que seja.

A efectivação de planos que minimizem tais situações, têm de merecer todo o seu apoio desde que o AMOR seja a única razão da obra.

Havendo orgulhos balofos ou interesses secundários, ainda que subtis, eles serão sempre gérmen de ineficácia e de derrocada e dardos, pelo próprio fabricado, com que será, mais cedo ou mais tarde, ferido de morte.

Com espírito de servir, e só de servir, nós, gentes de S. Paio, seremos capazes não só de vitalizar o muito que já se fez em Igreja, mas até de continuar num «mais e melhor», pensando agora talvez nos doentes e velhinhos, criando estruturas que sem ferir susceptibilidades, possam minorar o isolamento a que grande parte é votada,



Sonhar é fácil... Realizar é difícil... Mas é consolador admirar!...

depois de uma vida dura e cheia de privações, passada em circunstâncias e condições que os novos de hoje nem sequer sonham.

Tudo o que for feito pela terceira idade e pelos doentes será meritório e educativo.

Pe. António Sá

Agora importa continuar: «Parar é morrer».

O mais imoportante é planear bem o que se pretende.

Porque não pensar na cobertura do recinto desportivo?

Ao dizer que importa continuar não quero dizer que se não faça uma pausa para respirar fundo... e recomeçar depois com mais fôlego!

Pensou-se nas crianças! Aí está o parque infantil a atestá-lo.

Pensou-se nos jovens! O recinto de jogos o testemunha.

Porque não pensar na terceira idade?

Adélio Neiva da Cruz

É difícil fazer uma análise séria e desapaixonada às obras paroquiais. Por muitas e diversas razões que não interessa estar aqui a escarpelizar.

Mas também não foi uma análise que me pediram para fazer. Foi sim uma opinião

pessoal sobre aquilo que foi feito e o que se poderá fazer no futuro. Assim:

1. Não interessa descrever nem tão pouco analisar os critérios que providenciam à realização das obras paroquiais.

Aprioriticamente, poder-se-á dizer, que o apoio popular legítima quer as obras quer os critérios.

E além do mais o apoio maciço duma comunidade não se pode contestar, nem tão pouco minimizar sob o risco de daí advirem consequências muito frustas.

Neste momento o problema que se põe é o do seu conveniente aproveitamento. É necessário enquadrá-los numa perspectiva de desenvolvimento das várias potencialidades existentes e tendo em vista também o fomento de novos valores de actividade.

2. Para terminar esta opinião sobre aquilo que foi feito, nada melhor do que dizer que elos constituiram um saldo positivo (e o saldo mostra diversas parcelas), que são uma amostra do que a unidade dum povo pode realizar, de força e de vontade de progredir e de evoluir para bem de toda a comunidade.

3. No futuro que fazer?

Tudo depende da vontade de todos.

É necessário que *todo* o povo encontre, se está interessado novas perspectivas e novas pistas tendo sempre como objectivo o bem comum. Com frequência, a força do inimigo é feito do nosso medo.

António Manuel Torrinhos Amaro

A resposta à qual fui solicitado a dar vai suscitar pois muito há a dizer, contudo basta ir ao encontro do indispensável.

Aqui vai:

Parar é morrer — facto consumado.

Continuar com as obras paroquiais é:

— dar de comer aos esfomeados.

— eliminar dificuldades.

— amar Antas.

Muito se tem feito, muita coisa há a fazer... trabalhar é vencer.



O entusiasmo é patente

SOUBEMOS E REGISTAMOS

Os ventos da História continuam a soprar. De momento sopram humilhações para a América. Disso é prova o que se vai passando no Irão. E não só. Os reféns americanos continuam à mercê de fanáticos. E os fanáticos de tudo são capazes!

«Quem semeia ventos colhe tempestades!» A América já está a colhê-las! A hora da Rússia também há-de chegar!

Foi anunciada a candidatura do General Soares Carneiro à Presidência da República. Tanto bastou para que passasse a andar nas bocas do mundo.

«As surpresas que eu apanho
Esvaziam-me o tinteiro:
O político rebanho
Tem agora outro Carneiro!

Nas voltas que o Mundo dá
Nunca faltam os azares:
Enquanto um deles é Sá,
O outro Carneiro... é Soares!»

E relacionando S. António com o nome de Soares Carneiro que também é António:

«Como o destino é matreiro,
Não desagrada a ninguém
Se tivermos em Janeiro
Um bom António em Belém.

Com tanto fel e vinagres,
P'ra que volte a vida boa
Terá de fazer milagres
Como o Santo de Lisboa».

Com milagres ou sem eles bem necessário era que a vida boa voltasse!

Em relação aos incidentes da Marinha Grande, Galvão de Melo reafirmou que podia provar que «durante a arruaça provocada pelos comunistas da Marinha Grande, reforçados por outros vindos de vários lados, vereadores da APU da Marinha Grande encontravam-se reunidos na Biblioteca da Câmara, de onde comandaram e controlaram os acontecimentos».

Será que os comunistas não sabem nem conseguem fazer outra coisa?!

A Rodésia, hoje com o nome de Zimbábue, tornou-se independente, na noite de 17 para 18 de Abril. Se não estamos em erro, é a terceira vez que isso acontece. Oxalá seja para bem. Fazemos votos para que o amor e a compreensão se imponham ao ódio e ao racismo! A bem de toda a população: branca e preta!

A Aliança Democrática fez um comício no Campo Pequeno. A propósito vimos escrito:

«O gigantesco comício
Reunido pela AD
Foi tal e qual um panarício
Nas «falanges» do PC.

Com toda a praça apinhada,
O que não causou surpresa,
Foi uma bela tourada
À antiga portuguesa.

Depois de tanta aflição,
Tanto crime, tanto ultraje,
Podem chamar Reacção
À multidão que reage».

De facto o povo reagiu nas últimas eleições! Para desespero de comunistas e socialistas!...

Referindo-se às explosões em Évora, afirma-se num comunicado do PSD:

«Álvaro Cunhal instigou os trabalhadores rurais à luta armada, ao levantamento contra a legalidade instituída! Espantar-nos? Porquê? É essa, como sempre foi, a democracia do PC!

E o PSD afirma ainda: O PCP «utiliza não o recurso ao sufrágio eleitoral, mas, sim, à violência, à agressão à técnica do golpe de intimidação».

Não foi pela violência que a democracia deles se impôs na União Soviética?!

Mário Soares diz que «o General Soares Carneiro não é um homem do 25 de Abril». Daí estar contra-indicado para Presidente da República!

Pelos vistos para Mário Soares continua a ser mais importante ser do 25 de Abril que ser patriota, competente... e estar à altura de exercer o cargo! A demagogia continua!!!

A Radiotelevisão anunciou que iria fazer a transmissão das cerimónias militares comemorativas do 25 de Abril.

Afinal fez a transmissão, apenas, e mais uma vez, das suas deficiências técnicas e da sua incompetência! Curiosamente a avaria registou-se quando os comandos iam passar em frente à tribuna de honra e manteve-se até ao fim do desfile!

As comemorações do 25 de Abril serviram para que Almeida Santos afirmasse que a revolução dos cravos pôs fim à mais longa ditadura da Europa.

Implicitamente reconhece que o regime soviético não é uma ditadura! Lamentamos! Mas há quem lhe chame sol do Mundo! Certamente deseja que seja esse sol a iluminar Portugal! O povo português repetidamente o tem recusado!

As greves continuam em maré alta. Incentivadas por Álvaro Cunhal e camaradas:

«Porque o vetusto doutor
Na «justa luta» capricha
Faz a greve o «trabalhador»
Mas o povo é que se lixa.

Nestes transes singulares
Que causam tal desbarato,
Vemos o Mário Soares
Calado que nem um rato».

Pena é que os trabalhadores continuem a ser manipulados e que, como sempre, seja o povo a pagar o preço de tanta demagogia!

O 25 de Abril foi comemorado de modos bastante diferentes. Oficiais e sargentos resolveram festejá-lo com almoços e jantares, isto é, resolveram comer!

Políticos e sindicalistas de braço dado com arruaceiros resolveram comemorar a efeméride berrando contra tudo e contra todos!

O governo resolveu comemorá-lo com medidas positivas na melhoria das condições de vida do povo português!

Lamentavelmente a Oposição diz mal! Insurge-se demagogicamente contra o gover-

no e contra as medidas tomadas por este! Quando será que a Oposição aprenderá a ser Oposição?!

Dizem-nos que de cada 4 pães que comemos, 3 são comprados ao estrangeiro...

A tão apregoada Reforma Agrária não conseguiu mais do que fazer diminuir a produção de trigo!...

Álvaro Cunhal, falando à TV, disse que o voto dos emigrantes não enriquecia a democracia...

Acreditamos que não enriqueça a democracia dele. Por alguma razão se não emigra para países comunistas!?

As Unidades Colectivas, porque comunistas e defensores dos trabalhadores, pagam 200\$00 por dia ao trabalhador rural.

Os empresários particulares, porque exploradores inqualificáveis, pagam 450\$00 por dia!

Isto não o diz o jornal «o diário», porque a verdade a que temos direito é a MENTIRA!

São vários os candidatos a Belém:

«E por fim há um Meneses
Cujo nome leio às vezes
E que diz que é elegível.
Quem é ninguém sabe a sério
É candidato mistério,
É o homem invisível».

Em nossa opinião interessam-nos pouco o mistério. Mistérios já temos em demasia.

No comício levado a efeito pela AD, Sá Carneiro ironizou: «Queriam o governo na rua? Aqui o têm, mas é para ficar!» Esperemos que sim. Por muito que isto custe a Álvaro Cunhal e seus compadres!

Dizem-nos que Mário Soares (que continua a gostar muito de viajar!) foi até ao Brasil. Também, como é de seu gosto, conseguiu uma entrevista na Televisão. Mas os camaradas da Internacional Socialista começam a ficar saturados das suas intrusões!...

Foi por isso que o líder do Partido Trabalhista Brasileiro, José Stoporoli, lhe endereçou uma pista, pela mesma via, isto é, pela Televisão: «Mário Soares não resolveu o problema em Portugal e vem agora dar palpites para o Brasil...»

Parece que Mário Soares, depois de cair em descrédito em Portugal... vai perdendo o crédito também no estrangeiro! É uma pena, pois viajar pela estranha não deve ser desagradável!...

O governo comemorou o 25 de Abril de forma inédita. O Primeiro Ministro foi ao Alentejo entregar terras... A Televisão (muito alérgica a tudo que não cheire a comunismo!) não quis mostrar-nos como isso se passou. Só lhes interessa mostrar as desordens de certas minorias desordeiras!...

Álvaro Cunhal, vomitando ódio contra o governo, profetizou que este «não chegará às próximas eleições...»

Esperemos que a profecia não passe de mais uma das muitas alucinações de Cunhal!

O Deputado José Manuel Casqueiro, fazendo parte da Comitativa do Ministro da Agricultura e Pescas, veio a Braga, à inauguração da AGRO-80. Muito democraticamente foi impedido de participar no almoço oferecido ao Sr. Ministro e outras entidades...

A propósito vimos escrito:

«Da Câmara de Braga, o Presidente,
Machado de seu nome e engenheiro,
Convidados passou a pente fino
E não deixou que fosse dar ao dente
O Deputado Zé Manuel Casqueiro.

Para comer não basta estar com fome, Provou o Chefe da edilidade. Lembrou a frase que o Abril consome: Comem todos ou há moralidade...»

Por vezes os inexcedíveis democratas que são os socialistas dão-nos destas lições de democracia!!!

Mais uma lição de democratas: «Carneiro só assado». Estas letras garrafais eram ostentadas no carro da Câmara de Braga, no cortejo do 25 de Abril!

Será com estas gracinhas de mau gosto que vão ser resolvidos os problemas da edilidade bracarense?!

Maioria da Aliança Democrática foi derrotada pela segunda vez na Assembleia da República. Razão? Ausência dos Deputados da AD.

Estranhámos. Mais. Consideramos o facto inadmissível. O povo votou. Confiou. Desejou a mudança. Agora os representantes do povo não sabem cumprir. Por comodismo? Por negligência? Por irresponsabilidade? Por indiferença? Responda quem souber! Seja qual for a resposta, não atinamos com resposta aceitável! O povo não votou para que os seus representantes primem pela ausência!!!

Depois do escândalo dos reféns americanos em Teerão, foi a vez dos reféns da Embaixada do Irão, em Londres...

Curiosa a atitude e filosofia do governo iraniano. Em Londres foram terroristas que se apoderaram da embaixada! Em Teerão, os estudantes que detêm os reféns americanos são heróis da Revolução Iraniana!

O pesadelo de Londres terminou... Mas no Irão continua;... E nós interrogamo-nos: Com filosofias como a do governo iraniano onde irá parar o Mundo?!

Transcrevemos do jornal «Voz do Alentejo»: «O PC organizou, durante dois dias, greves, manifestações, concentrações, desfiles em todo o Alentejo. Foi uma pobreza franciscana. Pobreza em números e pobreza em entusiasmo — a demonstração evidente de que está tudo farto».

Esclarecedor! Os comunistas porém, não desistem, porque não sabem fazer outra coisa!!! Ou não os deixam!!!

Portugal continua mergulhado em clima pré-eleitoral permanente apimentado por greves constantes.

«Os mirfíficos rapazes
Só trabalham, como vedes,
Para colarem cartazes
E borrar as paredes.

(Continua na pág. 9)

Frente solidária para a "Voz de Antas,"

MAIO DE 1980

Amélia Viana da Silva (Cacém)	200\$00	Manuel Afonso Vaz Saleiro (Alvarães)	200\$00	Manuel Alves de Azevedo (Algés)	150\$00
Armando Ribeiro da Costa (Estrada)	150\$00	Maria da Cruz Azevedo Saleiro (Azevedo)	200\$00	Maria do Titó (Monte)	100\$00
Izabel Torres e Manuel (França)	200\$00	Hircflia Saleiro da Cruz (Austrália)	500\$00	João Meira (Brasil)	1 000\$00
Manuel Alves de Azevedo (Milheiro)	300\$00	Albino Faria da Cruz (Argentina)	1 000\$00	António do Vale e Silva (Forjães)	300\$00
David Ferreira da Silva (Belinho)	200\$00	Emílio Faria da Cruz (Argentina)	500\$00	Cândido Alves da Cruz (Geraz do Lima)	500\$00
Família do Sr. Padre Apolinário (Lanheses)	500\$00	David Faria da Cruz (Argentina)	500\$00	D. Maria Augusta Pestana Santos (Lisboa)	150\$00
Mário Azevedo Sá e Lucília (França)	500\$00	Ramiro Faria da Cruz (Argentina)	500\$00	Joaquim Morgado (Forjães)	1 000\$00
		Maria Marques de Sousa (Guilheta)	200\$00		
		Maria Marques de Sousa, (filha), (Lisboa)	250\$00		
		Manuel Alves de Azevedo (Milheiro)	150\$00		

A ADMINISTRAÇÃO AGRADECIDA

BODAS DE PRATA SACERDOTAIS

(Continuação da 1.ª pág.)

No dia 20 de Abril veio presidir a uma concelebração na Igreja Paroquial da nossa terra para comemorar os 25 anos de sacerdócio intensamente vividos em espírito de fé, de renúncia e de generosidade.

A seu lado, como concelebrantes: o Pároco, o Vice-Provincial da Congregação do Espírito Santo, R. P. Veríssimo Teles, os conterrâneos: P. Augusto Ferreira, P. António Sá e P. Ernesto Neiva.

A homília o R. P. Augusto Ferreira, que há 25 anos pregara na Missa Nova do P. Domingos, evocou a data e recordou a intensa actividade desenvolvida pelo jubulado.

A colaborar, como organista, esteve também presente o P. Durães. O grupo coral foi brilhante, apesar da falta do regente habitual.

Terminada a concelebração seguiu-se a cerimónia, sempre comovente, do beija-mão.

Em todos os rostos dos conterrâneos e amigos pôde o P. Domingos ver um sorriso amigável! Silenciosamente todos lhe desejavam muitos anos de vida ao serviço de Deus e dos irmãos!

Depois das cerimónias religiosas, foi servido um almoço abundante e bem confeccionado no Salão Paroquial. Presentes, além do jubulado, todos os familiares e sacerdotes concelebrantes.

Damos graças ao Senhor pelo testemunho de sacerdócio ministerial que a todos tem dado o P. Domingos Neiva e fazemos votos para que continue a sua missão por muitos e dilatados anos!

Muito tem ainda a esperar o povo de Deus do seu zelo sacerdotal e do seu favor apostólico.

Que o seu testemunho de sacerdote, a sua atitude de serviço, a sua generosidade... sirvam para o despertar de muitas vocações sacerdotais e missionárias!... Que a tradição da nossa terra continue!

RETALHOS

Palavras de flagrante actualidade

Por ocasião do 2.º aniversário da criação da Diocese de Viana do Castelo, o seu bispo dizia: «Há paróquias sem pároco, há algumas que nunca mais terão pároco e aquelas que o têm sabem estimá-lo.»

Luta contra o fumo

Procurando sensibilizar as pessoas e as populações para os malefícios do tabaco, a Organização Mundial de Saúde promove, este ano, mais uma campanha contra o tabaco e o fumo, a qual tem como lema: «O Tabaco ou a Saúde — a escolha é sua.»

Pastoral Familiar

Referindo-se à pastoral familiar, ao apontar os objectivos da pastoral da diocese do Porto, D. Domingos P. Brandão apresentou, entre outros, os seguintes pontos:

Há que descobrir e potenciar o significado humano, cristão, eclesial, educativo, apostólico da família crente. Para conseguí-lo, a Diocese e todas as comunidades devem pôr empenho em:

- A difusão e aprofundamento da preparação para o casamento.
- A acção apostólica sobre os casais jovens.
- Impulso e atenção aos movimentos de espiritualidade familiar.
- Criação e desenvolvimento das Escolas de Pais.
- Difusão da moral cristã, nomeadamente no campo do planeamento familiar, em abertura, solidez e atenção pastoral.
- Fomento, nos pais de família, de uma consciência educadora, evangelizadora e de espiritualidade secular.

Acção Católica

No encerramento das Jornadas Diocesanas da Acção Católica do Porto, os cerca de cem

delegados presentes, assinalaram como sendo motivo de apreensão para eles «a vivência angustiada do desemprego, a falta de habitações e a baixa dos salários reais».

A falta de espaços de convívio, o analfabetismo e a exploração do trabalho infantil e de adolescentes são também algumas das situações a eliminar.

Dia da Mãe

O dia 25, 4.º Domingo de Maio, é o dia da Mãe. Durante longos anos este dia era comemorado em 8 de Dezembro, coincidindo com a festa da Imaculada Conceição. Só há poucos anos foi transferido para este dia.

Embora a homenagem às mães, como atitude de gratidão já venha da antiguidade (existia já na antiga Roma), a iniciativa de lhes consagrar um dia partiu de Anna Jarvis (EUA) e foi oficialmente aprovada pelo Senado em 1913, vindo a estender-se depois a outros países.

Num momento em que a Igreja repensa a pastoral da Família, na qual as mães ocupam uma posição singular, bom é que se estimule o sentido cristão da maternidade.

Melos de Comunicação Social

Ocorre no próximo dia 18, (VII Domingo da Páscoa), o Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social. O tema é «O papel das comunicações sociais e o papel da família».

Um conceituado investigador, Muchielli, não hesitou em afirmar que «um responsável por qualquer organização passa hoje de 60% a 80% do seu tempo a comunicar, a ler cartas, a escrevê-las, a telefonar, a emitir instruções, notas e boletins, a transmitir, a ensinar, a informar, a informar-se... sem contar o tempo passado em discussões reuniões e passatempos.»

Semana de Oração pelas Vocações

«A Santa Igreja continua a ser a Igreja de Cristo Ressuscitado e do Pentecostes. Os Bispos, sucessores dos Apóstolos, e os Sacerdotes, cooperadores dos Bispos, são os Bispos e os Sacerdotes de Cristo ressuscitado e do Pentecostes. E assim irá continuar a suceder nos tempos futuros, uma vez que o mesmo Senhor Ressuscitado garantiu à sua Igreja a própria assistência perene» — afirmou João Paulo II a propósito da Semana de Oração pelas Vocações que decorreu de 20 a 27 de Abril p.p.

Nessa mensagem o Papa formula três convites às comunidades cristãs: «procurai evangelizar», particularmente as famílias e os jovens, «reflectir» («abri os vossos corações ao encontro jubiloso de Cristo Ressuscitado»), «rezai» (sobretudo «pelos jovens aos quais o Senhor faz o seu convite para o seguirem mais de perto»).

Na hora de esperança que vivemos a palavra do Santo Padre é apelo vivo a pedir a colaboração de todos.

Ao Emigrante

Adoravas tua aldeia
qu'a sonhar te viu nascer
consolava-te a fogueira
nas noites de lazer

Aprendeste a ler a terra
qu'escrivias com suor
foste aos vinte para a guerra
que fizeste «com louvor»

Regressaste um homem feito
doutorado em terra e fogo
palpitava-te no peito
construir um mundo novo

Recordaste a tua infância
e lembraste os filhos teus
p'ra não terem tua herança
invocaste o teu bom Deus

Foi então que tu saíste
alta noite de luar
o teu rosto estava triste
tinhas olhos de chorar

D'olhar fito no futuro
veio à ideia o teu passado
qu'apesar de muito duro
viste então como era amado

Conbeceste nova gente
novas crenças e feitios
mas p'ros teus te corre a mente
como as águas para os rios

O trabalho, não ameno
tu o fazes com vigor
e te sentes mais sereno
nasce em ti um Sol alvor

Vês os filhos a crescer
sem fantasmas no sonbar
podem eles aprender
outros modos d'ensinar

Quando o Sol já for bem forte
para a vida despontar
voltarás, feliz da sorte
d'o qu'ê teu reencontrar

E à terra, que era agreste
vai sachá-la bem diferente
mesmo o tojo, tão silvestre
te vai ser mais atraente.

(MEIRINHO)

O Cruzeiro da Senhora dos Remédios

(Continuação da 1.ª pág.)

mandou demolir o casarão que lhe ficava em frente e contactou a Casa de Belinho para a compra do restante terreno para o Adro e Cemitério. Depois disto, era preciso levantar lá, o Cruzeiro Paroquial. Embora o existente já não fosse mau pareceu-lhe que não estava à altura das suas pretensões. Contactou um artista das Neves para fazer um novo, e depois de pronto foi levantado no lugar onde hoje se encontra. A partir daí o antigo deixou de ter função que tinha antes, e já não se justificava a existência de dois Cruzeiros nas imediações da Igreja Paroquial.

Por essa altura o Sr. Padre António

Ledo comprou a uma família de S. Romão de Neiva, a Capela de Nossa Senhora dos Remédios: Como não tinha cruzeiro próprio, falou ao Sr. Padre Bento para lhe autorizar a transferência do antigo cruzeiro Paroquial para a Senhora dos Remédios, este achou bem tal ideia, e no ano de 1898 foi o Cruzeiro transferido para o lugar onde hoje se encontra, tendo a família que fora proprietária da Capela, cedido ao Sr. Padre Ledo o terreno para a sua colocação.

Aí ficou até agora, e aí ficará para sempre; pois a paróquia saberá guardar e conservar aquilo que lhe pertence, e assim perpetuará a memória dos seus doadores e benfeitores.

TERRAS BRANCAS

CONTO

...Eu bem sei que vocês já se não lembram do Manuelzinho da Conceição, mas eu sim que me lembro...
Homem de gado como não havia outro por estas bandas!
...E de como ele morreu de desastre de bicicleta na descida de Deucriste!
...E de como nessa noite houve quem visse uma estrela nova acender-se lá em cima, para os lados de Viana...

— Qual delas?
— Aquela.

E o tio Leiras apontava para o céu, na direcção das austrálias, lá por cima do monte da Cidade. Nem mais. Aquela que está sempre a pestenejar como o relógio preto da Venda Velha.

Foi a tia Rosa que morreu e quando alguém morria, o Candito já sabia que era certinho mais uma estrela no céu. O tio Leiras é que lhe ensinou aquelas coisas. O tio Leiras não tinha estudos mas sabia coisas do Arco da Velha. Era sempre assim. Mal morria alguém, o seu dedo ia direitinho à estrela nova. E no só isso. O tio Leiras dissera-lhe muito em segredo que quando morre alguém não é só a estrela. Entre as dez e a meia-noite quando o defunto está sobre a terra, quem estiver para morrer por aqueles dias, vê o enterro a caminho da igreja. O enterro inteirinho com o sr. Reitor, o sacristão, o tio Agostinho Cachada a rezar os padre-nossos e a bandeira da confraria.

É o defunto que o chama e lhe dá aquele sinal. Mas o tio Leiras não quer que estas coisas se espalhem.

— A tia Rosa fica rentinho à avó, não fica?

Ficava. Quase pegada. Os de Azevedo ficaram quase todos naquela aberta de céu entre as austrálias e o Monte da Guia. Depois eram os de Guilheta, Belinho e Estrada, na mesma direcção quem vai ó para lá.

O tio Leiras era o regatão de gado mais afiado que S. Paio conhecia.

— Tio Leiras, vende-me esta vaca?

Daf a nada era vaca vendida e quinze notas já lá cantavam ou se não cantavam é como se cantassem, que o sinal já ninguém lho tirava.

Era aquela queda para os gados. As feiras pressentiam-no ainda ele vinha pelos atalhos, a assobiar a Côradinha, e punham-se a pau.

Bem lhes servia!

— Quanto custa essa cabrita?

— Chama cabrita a uma toura destas?

— Bôh! Toura uma borrega daquelas que nem dentes tinha? Úbere de grilo. Isso nem parece gado, homem. — E o tio Leiras cuspiu no chão agoniado de ter tocado num nojo daqueles.

— Para menos das dez não desço.

— Não o perca no regresso. Boa tarde.

E é que tinha de descer das dez. Para o tio Leiras dar sete era quase preciso pedir-lhe de joelhos.

Só depois é que o lavrador reparava na sua lorpice. Deixara a toura, uma toura daquelas que em menos de duas páscoas, vós haveis de a ver af com uma cria que nem um ..., deixara-a de graça. Dada com todas as letras.

Fora de uma dessas vezes, numa feira que não prestou para nada (que desde que os regatões deram em andar pelas portas como as mulheres da sardinha, as feiras de gado eram uma peste) foi numa dessas vezes que viu o Candito.

Nove anos quando muito. Carita tolhida a mostrar fomes passadas. E a olhar para a inspecção da toura que lhe fugiam os olhos da cara.

— Seis notas quando muito.

O miúdo concordou com o tio Leiras. E quando o Leiras cuspiu no chão a lavar

as mãos daquele negócio, o Candito não fez a coisa por menos: cuspiu também, perfeitamente convencido que mais de seis era roubar.

Só então o tio Leiras reparou naquela rubrica do seu ritual.

— Tu de quem és, fedelho?

O miúdo era um livro aberto. Não tinha pai. Ter tinha. O Joaquim Tratante que o dissesse. Viera ao mundo no tempo das mondas. Vivia com a avó e os tios. Servia para recados, roubava peras e era o bombo da casa. Todos se sentiam na obrigação de malhar nele e de à sua custa endireitar os pecados da mãe.

— Ou ganhas educação ou desfaço-te.

E por af adiante. Mas quando a avó comprasse uma toura (vocemecê não sabe? a minha avó vai-me comprar uma toura), as coisas haviam de mudar. Quem iria andar com ela por beiras e valados, até Talhós, Peneirada — o cabo do mundo, seria ele. Palavra que era, que os tios todos os dias lho repetiam.

— Manda os teus tios tocar outra música, pega-me nesta vitela pela sogá e anda daí. E é que andou mesmo. Foi a casa a correr buscar a roupa do domingo, o realejo e a figa e antes que a tarde se pusesse de todo sobre o mar, af vinha ele a entrar em S. Paio, triunfante a conduzir a vitela pela mão, como se fosse a bandeira da irmandade a abrir a procissão.

«Anda galega».

Pois claro, havia de ser galega. E era ele quem havia de tratar dela, ora era? Era.



Bom humor

Resposta de um regedor

O Administrador de um concelho oficiou para o regedor de uma aldeia lá de trás da Serra a pedir uma relação completa dos gados e cereais da sua freguesia, rogando-lhe que preenchesse a lista que lhe enviava com a descriminação das várias espécies de animais e vegetais.

Em resposta, o Regedor informou assim:

Gado Vacum: Se vosenhoria julga que há cá gado para encher um vagon, tá muito enganado porque tem-le dado a morrinha que leva tudo a eito e o que ainda cá há é cá preciso, senã o estica-me cá toda a gente há fome.

Gado Muar: Não sei o que esta palavra quer citar porque as minhas letras são poucas que no meu tempo de cachopo não havia vagar de andar na escola à boa vida; mas cá a minha patroa é qu'sa amuar quando l'eu falo de trombas que às vezes é preciso.

Cereais: Pouco há cá porque só dos cortiços das abelhas das colmeias do çarrado do Manel da Avó é que sai um pôcachito de cera e mais nada. Há cera com fartura mas é das que fazemos madraças dos meus jornaleiros.

Gado asinino: Bichos com asas é o que há cá mais; é uma passarada

Dar-lhe de comer, levá-la à poça a beber, tirar-lhe o leite e tudo? Tudo.

E o rapaz não cabia no mundo.

«Anda galega».

Alto. Para os outros ouvirem e para que S. Paio soubesse que foi preciso ir a Barrocelas para se encontrar finalmente um homem de gado nas condições.

Amigos assim, o tio Leiras e o Candito, até custava a acreditar. Nas feiras era ver o tio Leiras a explicar ao Candito porque é que esta turina não era de raça ou porque é que aquela galega não valia os guizos de um gato.

A vinda, lá vinha o Candito a dizer pelos atalhos das bouças:

— Não fizemos grande negócio, tio Leiras. A toura não valia as cinco. Um traste daqueles nem para gerica de ciganos.

Exactamente: o plural como se fossem sócios antigos e como se realmente o prejuízo fosse a meias.

Às vezes, noite fechada, batiam ao portal. Um bater suplicante de quem tem pressa e sente incomodar. Era a vaca velha que tinha uma dor. Se o tio Leiras lá pudesse chegar...

— Já lá vamos, já lá vamos.

E o miúdo (tio Leiras, uma vaca doente, vamos, pode ser coisa de cuidado) em dois pinotes estava aviado. Chancas largas que os lameiros conheciam ao longe, um gabinardo pelas costas e toca a andar que pode haver novidade.

— Nada de mau, tio Domingos. Água morna e um cheiro de farinha, que isso varre.

E o Candito:

— Às vezes, o bicho dos pastos. É preciso cuidado mas nada de afligir.

E com uma palmadinha no lombo do animal, lá vinha pela noite, ao lado do tio Leiras com a consciência de quem é indispensável e cumpre um dever.

É por isso que a gente dizia que amigos assim até custava a acreditar.

Quem não andava bem era a Galega. Desde que tivera aquela cria à pressa e sem preparação na cangosta dos Agradas, nunca mais foi a galega. Deu em andar para ali, amarela e desinteressada num tanto se me dá como deu, que era mesmo de partir o coração. Água quente, chá de pele de cobra Bôh! Não havia dúvida. O animal não levava a bem a brincadeira e af estava ele, sempre agarrado ao curral, como velha ao borralho, sem boca para nada.

— Candito hoje não podes vir à feira.

Pois não. Uma criatura daquelas, como era a galega, não se ia deixar ficar ali, entregue a um dia inteiro de doença, sem uma visita nem duas festas no lombo. Mas também o tio Leiras ir à feira sozinho, nem ele sabia o que lhe parecia.

— Tio Leiras, se você não fosse à feira...

Mas o Candito bem sabia que não ir à feira era superior às forças do tio Leiras. Era como ficar um domingo sem missa. Por af não esperava nada...

Mas o Candito tinha receio pelo tio Leiras. O tio Leiras, sozinho, sem ele ao seu lado, numa feira daquelas... E o rapaz temia pela reputação profissional dos dois.

— Até à volta.

— Vem cedo, vem?

Vinha. Ao cair do sol, S. Paio tê-lo-ia no curral. Que olhasse pela galega.

— E não apalavraria nenhum negócio sem primeiro falar com ele, ora não?

— Só se fosse oiro caído do céu.

E partiu.

O Candito passou o dia a conversar com a galega. Assim que estivesse rija, as melhores ervas do Sovaló, já sabia para quem eram. Mas era preciso reagir, fazer pela vida. Não é estar assim para af, ao Deus dará, como um cão a ver a procissão que se ganha a «milhão» do Sovaló, ouves, galega? Mas o animal, moita. À noite precisava de ter uma conferência a sério com o tio Leiras para darem uma solução aquela doença que se agarrara à galega como carraço à pele.

Mas a noite chegou e bem adiantou ao Candito ir à janela da cozinha a ver se distinguia o tio Leiras, pelo caminho da Agra! Aquela demora não lhe agradava. Da janela, já se viam lá ao fundo, pela estrada nacional as luzes dos carros a passar sem ligar nenhuma às lojas que se foram postar mesmo à beira da estrada, ao encontro dos fregueses. Lá estavam as estrelas: A da avó. A da tia Rosa. A do tio Joaquim. E... ou ele se enganava muito ou havia mais uma estrela lá adiante, à beira das de S. Paio, entre as austrálias e o Monte da guia!

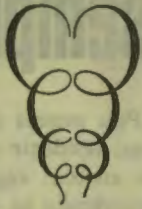
Foi então que bateram à porta. Mau! Em S. Paio o bater era ao portal, não era à porta de casa como se tudo aquilo por ali dentro não tivesse dono.

Era o Joaquim da Fonte. Vinha por causa do tio Leiras. O homem, coitado, ficara ferido numa zaragata, junto da venda de Santo António, quem vem ó para cá. Foi para o hospital de Viana, um pouco mal, mas enfim não era coisa de afligir. Estivessem eles descansados pela demora.

As mulheres passaram a noite à volta do oratório da sala. O Candito que fosse dormir que não havia de ser nada. É o foste! Foi mas é para a janela a olhar a estrelinha nova lá em cima, que lhe acenava, acenava...

Ao outro dia, à noitinha, soube-se que o tio Leiras tinha morrido. Devia passar das dez da noite, quando o Candito viu com todas as letras o enterro do tio Leiras a caminho da Irgeja, por entre os pinhais. Lá ia o Sr. Reitor vestido de branco, os círios, o tio Agostinho Cachada a rezar os padre-nossos e a campainha tlim... E luzes, luzes que nem uma procissão de velas. Ah! já sabia. Era o sinal. Era o tio Leiras que o chamava. Por isso lá estava um nadinha de espaço sem ninguém, à beira da estrela nova. E desceu ao curral a dar a notícia à galega.

P. Adélio



Pré-jovens da nossa comunidade paroquial dizem o que pensam sobre o mês de Maio e sobre a devoção a Nossa Senhora.

QUE É PARA TI O MÊS DE MAIO

Esta é uma das perguntas que foi posta no 1.º Domingo de Maio a todos os pré-jovens que frequentam os encontros aos Domingos ao fim da 1.ª missa. A pergunta foi-nos posta pelo nosso animador, e nós pré-jovens vamos responder.

1 — Para mim o mês de Maio, é diferente dos outros meses do ano.

Este mês para mim faz-me mais pensar em Nossa Senhora, pois foi em Maio, em Fátima que ELA veio pedir aos pastorinhos a recitação do terço em família, a devoção dos Primeiros Sábados, e além disso oração e penitência pela nossa Pátria, e pela conversão dos pecadores.

É consolador ver a igreja repleta de fiéis, e sobretudo de crianças a rezar com grande entusiasmo o terço em voz alta. Uma grande parte dos fiéis, abandonam o trabalho do campo às 7 horas da tarde rumo às suas casas e partem apressadamente rumo à igreja para participarem nas devoções, que se celebram às 8 horas, em honra da nossa querida Mãe do Céu que foi e será sempre a mãe e Rainha de Portugal.

Maria Clara F. N. da Cruz — 14 anos

2 — Para mim o mês de Maio é o mês mais lindo do ano. Flores nos campos, nos jardins, e até na nossa igreja os altares e mais bonitos no mês de Maio que em qualquer outro mês do ano. O mês de Maio é aquele em que o povo cristão dedica mais amor a Nossa Senhora. Em todas as cidades, vilas ou aldeias em grandes ou pequenas igrejas, o povo crente, que tem devoção e precisa de protecção da Santíssima Virgem ocorre com fé e devoção. Quantas coisas nós temos para pedir a Nossa Senhora e quantos favores ela tem para nos dar.

A nossa Mãe do Céu, é a mais bela e a mais pura de todas as mães.

M.ª Helena Sampaio Viana — 14 anos

3 — Para mim o mês de Maio, é o mês mais lindo de todos os meses do ano. Foi o mês de Maio que Nossa Senhora escolheu para pisar sobre uma azinheira na nossa terra Portuguesa.

A 13 de Maio de 1917 fazendo a visita a três crianças inocentes que já faziam da sua vida oração e penitência, Nossa Senhora pedindo-lhes que continuassem a rezar o terço todos os dias, pois é a oração mais importante para alcançar a paz no mundo.

Carlos Alberto V. da Silva — 15 anos

4 — O mês de Maio é para mim o mais importante de todos os meses do ano. No mês de Maio rezamos com mais devoção que nos outros, pois no fim das aulas vamos sempre à Igreja assistir às devoções do mês de Maio.

O nome de Nossa Senhora no mês de Maio é lembrado com mais entusiasmo e até na Igreja os altares estão com flores mais bonitas que nos outros meses.

Foi no mês de Maio que a Nossa Mãe do Céu veio pedir aos pastorinhos de Fátima para rezar o terço todos os dias.

Adélio Cecílio Laranjeira Rolo — 13 anos

5 — Para mim o mês de Maio é o mês mais bonito do Ano, por várias razões. Neste mês que é consagrado à Santíssima Virgem, reza-se mais e tem-se mais devoção a Nossa Senhora, pois vamos toda as tardes às devoções, que em sua honra se celebram na nossa igreja.

Neste mês penso mais nos pastorinhos e nas aparições de Nossa Senhora em Fátima.

Este mês além de ser consagrado à Mãe do Céu, é também consagrado à Mãe da Terra.

Peçamos a Nossa Senhora que vele pela nossa mãe aqui na terra, pois que a missão delas é difícil.

M.ª Jacinta Araújo — 13 anos
Coordenou: Maria Dias

6 — O mês de Maio é um mês de alegria. Quando rezo o terço no mês de Maio penso muitas vezes nas palavras que os pasto-

rinhos ouviram da Nossa Mãe do Céu num lugar da nossa Terra Portuguesa, que se tornou sagrado «Cova da Iria». Foi no ano de 1917 que a Santíssima Virgem veio pedir aos pastorinhos a reza do terço diário em família, emenda de vida para os pecadores, e desagravo para o Seu Coração Imaculado.

M.ª José Lapeiro

7 — Para mim o mês de Maio é aquele em que vivemos uma oração mais intensa.

Os devotos de Nossa Senhora neste mês deixam os seus trabalhos e vão prestar culto à Santíssima Virgem, que além de ser Mãe de Deus é também nossa Mãe através da qual nos são concedidas as graças de que necessitamos.

Alzira Torres Caramalho

O VALOR DO TRABALHO...!

(Continuação da 1.ª pág.)

manifestam a glória de Deus. O homem na sua actividade diária, não só transforma a natureza, mas realiza-se também, a si mesmo: sai da sua «carapaça» e vai ao encontro do outro.

Além disso o trabalho aumenta a dignidade da pessoa humana. Por vezes nem sempre acontece, contribuindo para a despromoção da pessoa, na medida em que uns gozam o requinte da sua «civilização», ao passo que o resto da população, sobretudo a rural, está privada das possibilidades da responsabilidade, sendo-lhes indignas as condições de vida e de actividade humana.

A procura e trabalho e das melhores condições de vida leva uma grande percentagem de pessoas a emigrar para outros países, onde realmente possam satisfazer o seu objectivo. Também, estes devem ser respeitados, pela sociedade, que «economizando para aliviar um pouco a família que na sua terra natal ficou na miséria, vivem em condições por vezes desumanas» (Populorum Progressum, § 69). Encontram-se longe da terra natal, mas com o seu trabalho dignificam a casa e a família que deixaram. Quantos trabalhos! Quantos sacrifícios! Solidários na sua actividade, estão conscientemente cientes de que contribuem para o progresso social, económico e espiritual do país que deixaram.

O homem faz parte da sociedade em que vive, tornando-se assim, solidário com todos os homens. O carácter solidário da actividade humana está bem patente na doutrina social da Igreja: «assim, os homens e as mulheres que, ao ganhar o sustento para si e suas famílias, de tal modo exercem a sua actividade que prestam conveniente serviço à sociedade, com razão podem considerar que prolongam com o seu trabalho a obra do Criador, ajudam os irmãos e dão uma contribuição pessoal para a realização dos desígnios de Deus na história» (Gaudium et Spes, § 34).

Todos os homens são chamados a este gradual desenvolvimento. Como consequência estão em mútua relação: o progresso da pessoa humana e o desenvolvimento da sociedade. Mas, este progresso, não se pode identificar com a ambição que leva à cobiça dos bens temporais e à tentativa de se elevar ao poder, o que constitui uma forma de materialismo que o cristão nem pode, nem deve aceitar.

A sociedade desenvolve-se paulatinamente no caminho da sua história. «Herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, temos obrigações para com todos, e não podemos desinteressar-nos dos que virão depois de nós aumentar o círculo da família humana» (Populorum Progressum, § 17).

«Mais ainda oferecendo a Deus o seu trabalho, o homem se associa à obra Redentora de Cristo, o qual conferiu ao trabalho uma dignidade sublime, trabalhando com as suas próprias mãos

em Nazaré. Daí nasce para cada homem o dever de trabalhar fielmente e também o direito ao trabalho» (Gaudium et Spes, § 67). No entanto, a sociedade segundo as suas próprias possibilidades deve ajudar os cidadãos «para que possam encontrar oportunidade de trabalho suficiente» (Ibidem).

Deus não quis que trabalhássemos como escravos, sob um chicote ameaçador, do capataz; pelo contrário, que desempenhemos livremente a nossa tarefa, como instrumento de Redenção. E assim, enquadrada a actividade humana no plano divino, tem um valor incalculável, infinito.

É importante ter em conta, mais uma vez, que o trabalho para além do valor individual, reveste-se também de um valor social que podemos facilmente esquecer. Por isso memo é que os homens vivem em sociedade: para a ajuda mútua.

O trabalho sob as suas diversas formas, dividido pelos membros do agregado social, permite, de maneira muito eficiente, que todas as carências sejam satisfeitas e que cada um possa gozar os bens indispensáveis à vida.

Que seria de nós, se não tivéssemos quem nos fizesse o pão, a roupa que vestimos, o calçado que levamos para o trabalho!...

Cada um de nós não é uma ilha isolada; temos de ser pontes uns com os outros. Quando menos pensamos, embora não nos pareça, estamos a precisar e a utilizar o que anteriormente outros nos prepararam.

A actividade pode tornar-se, sem dúvida, ambivalente, pelo motivo de que, por um lado, dá o dinheiro, gozo e poder, convidando deste modo ao egoísmo e outros à revolta; por outro lado, ele desenvolve a caridade e a responsabilidade que se deve ter para com o próximo.

Corre-se frequentemente o risco de desumanizar a actividade humana. A todos estes exageros pode ser levado o trabalhador, na medida em que vê apenas no trabalho, não uma função social, mas somente, individual e egoísta.

A problemática da actividade humana é muito grave. A pessoa humana não deve ser coisificada. Os trabalhadores em alguns sectores, são utilizados exclusivamente, como meios para produzir. Assim, não interessam as condições de trabalho: problemas de salário, de habitação, de saúde...

Os trabalhadores devem ser considerados como colaboradores.

Todo o homem tem direito ao trabalho e direito à greve, como meio último para obter as suas justas reivindicações.

ENFIM, QUALQUER QUE SEJA O NOSSO TRABALHO: ARDUO OU FACIL, PESADO OU LEVE, NUNCA O DEVEMOS ENCARAR COMO «PRESSOR», MAS SIM, COMO UMA PERFEITA REALIZAÇÃO HUMANO-DIVINA.

F. L.

Soubemos e registamos

(Continua na 6.ª pág.)

Comó remate bizarro
Desse combate falaz,
Umaz vezes falta o carro,
Outras vezes falta o gás».

Qualquer dia talvez falte a paciência ao povo português Em nossa opinião já vai dando sinais de cansaço!

A Imprensa diária deu-nos a notícia dos lucros conseguidos pelos Bancos Estrangeiros em Portugal: 413 mil contos!

Só nos admira que aos portugueses seja vedado o direito de ter Bancos não nacionalizados em Portugal. E o nosso espanto é ainda maior ao sabermos que esse direito não é negado aos estrangeiros!! Maravilhas da Constituição progressista que temos!

Sá Carneiro afirmou na Televisão que «a Reforma Agrária não se faz com a ocupação de terras».

Para os comunistas tal afirmação não passa de uma heresia! Mas basta que o não seja para os trabalhadores nem para o povo português!

Dizem-nos (reaccionários evidentemente!) que o 1.º de Maio é a missa de 7.º dia pelo 25 de Abril!

Imaginem! Reaccionário, mas não tanto!

Recente nota do Ministério do Trabalho deu-nos conta de que as UCP's do Alentejo estavam a fazer despedimentos... Mais. Os trabalhadores despedidos foram os que se inscreveram para receberem terras do Estado.

Ora aí está a melhor e mais democrática maneira de servir os trabalhadores!

Repórter Banal

Para quando um Lar?

Bem-aventuranças da Terceira Idade

Bem-aventurados aqueles que entendem o meu caminhar vacilante e a minha trémula mão.

Bem-aventurados aqueles que têm em conta que os meus ouvidos já se têm de esforçar para captar a coisa que eles dizem.

Bem-aventurados aqueles que se apercebem de que os meus olhos já estão turvos e as minhas reacções são lentas.

Bem-aventurados aqueles que desviam os olhos levemente ao ver que eu deixei virar a chávena de café sobre a mesa.

Bem-aventurados os que com um sorriso alegre me concedem uns minutos para falar de coisas sem importância.

Bem-aventurados aqueles que nunca dizem: «já contou isso duas vezes».

Bem-aventurados os que sabem esforçar-se por trazer à memória e à conversa coisas do passado.

Bem-aventurados aqueles que me fazem compreender que sou amado e que não estou abandonado e só.

Bem-aventurados os que compreendem o peso da cruz de todos os dias.

Bem-aventurados os que me ajudam no passo final para a Pátria, com amabilidade e ternura.

CHILE, 1979

Memórias da nossa terra

(Continuação da 1.ª pág.)

Os motivos desta concessão, constantes da referida bula e em favor dos quais depõem oito testemunhas altamente qualificadas (Simão Pinheiro, fidalgo Henrique Leitão, escrivão dos réguengos e direitos reais, Domingos Vaz, tabelião, Belchior Jacome, escudeiro Gonçalo Carvalho fidalgo, Geraldo Vaz, tabelião, Manuel de Lucena, ouvidor do Duque de Bragança e Cristóvão Pereira tabelião — todos residentes na vila de Barcelos) são fundamentalmente os mesmos do prazo velho e que se podem resumir da maneira seguinte:

— o motivo fundamental foi sem dúvida a intenção de recompensar Manuel de Faria pelos muitos trabalhos e gastos que teve em defender e zelar os bens do mosteiro de S. Romão, quando deles era feitor e quando não faltava que mdeles se quisesse apoderar ilegitimamente.

— a apoiar esta intenção, vinha o facto de que esta solução parecia ser a que mais convinha à Igreja de S. Paio e ao mosteiro, que não teria grandes possibilidades de amannhar todas aquelas terras. «Por outras informações do sítio e pertenças achamos ser evidente proveito e utilidade do mosteiro e sua anexa se emprazarem as terras e propriedades do dito assento in ephetiosim perpetuum na pensão e foro abaixo declaradas».

— por outro lado, pesava o facto de o mosteiro «ter muito bom assento de devezas e campos», ou como diz outra testemunha «u massento muito grande e largo conjunto ao mosteiro», e por conseguinte não necessitar dos bens do assento da sua anexa de S. Paio de Antas.

— a ter em conta ainda, a situação geográfica do assento de S. Paio de Antas: um pouco longe do mosteiro — mais exactamente meia légua homo o atestam todas as testemunhas — o que obrigaria os monges a uma deslocação que o estatuto actual do mosteiro não facilitava.

— com efeito, o mosteiro era «reformado», o que significava que os monges deviam residir no mosteiro e «não lhes era dado, maiormente agora que está em reforma, andarem vigiando».

— um derradeiro toque vinha do facto de ser costume emprazarem-se em perpétuo, as anexas dos mosteiros «como quaisquer outros casais».

Algumas cláusulas acomunhavam, porém, esta concessão, que é interessante sublinhar.

A primeira era «reservar para a residência do vigário que ao presente é da dita igreja e para os outros que pelo tempo forem, os pardieiros todos que estão de

redor da dita igreja para poder fazer algumas casas para poder residir e o campo da Cortinha da Laranjeira, todo cercado sobre si, com um pedaço do Campo da Vinha, contra o poente, que corre dos ditos pardieiros para a deveza, para sua residência e recreação». Assim nasciam os actuais passais da igreja de S. Paio de Antas, que daqui jara o futuro teriam autonomia jurídica.

A segunda cláusula era a manutenção do foro anterior apagar por Manuel de Faria e sucessores ao mosteiro de S. Romão, acrescido de mais um tostão, pois que, se por um lado ficavam de parte as terras destinadas à residência do vigário, por outro eram acrescentadas a bouça da Ponte e três canais que ali junto havia e que não constavam do prazo velho.

«Havendo respeito às propriedades que se tiram para o vigário, não a exscentamos (sic) ao foro e pensão do prazo velho mais que um tostão, de maneira que tudo pagarão de foro e pensão em cada um ano, mil e setecentos reis, po rdia de S. Miguel de Setembro, ao dito mosteiro de S. Romão de Neiva e se cumprirão todas as ditas cláusulas do prazo velho».

Uma terceira condição era ainda imposta: o assento das terras deveria continuar a fazer um único bloco sempre ligado a um só proprietário, não podendo no futuro ser dividido nem desintegrado; esta cláusula frequente nos velhos morgadios de outros tempos, era de certo a melhor maneira de garantir o foro ao mosteiro. «O dito assento não se poderá partir entre os herdeiros, mas andará sempre em uma só pessoa que o derradeiro possuidor nomear, com todas as propriedades assim e da maneira que estão atrás nomeadas».

O documento não esconde que uma possível reacção negativa da parte dos monges não era de todo de excluir; havia, portanto, que providenciar. «E sendo publicis e por parte do emprazador nos foi pedido que lhe mandássemos passar suas cartas de emprazamento em forma; e por seu pedido se justo lhe mandamos passar a presente para el ee seus sucessores; e outra deste teor para o dito mosteiro e convento, pela qual em virtude da obediência e sob pena de excomunhão maior e de mil cruzados de ouro para a câmara apostólica, a metade e despesas do emprazador a outra metade; mandamos ao abade prior e convento do dito mosteiro de S. Romão do Neiva que ora são e pelo tempo forem, que cumpram em tudo esta nossa carta de emprazamento como nela é contido e pela dita maneira pela autoridade apostólica a nós cometida, mandamos sob as ditas penas de excomunhão e pecuniárias, a

OBRAS PAROQUIAIS

- tema sempre actual!

Um nome para fixar, um amigo da sua igreja natal, baírrista de Lei para guardar na melhor recordação e da gratidão: O MÂNUEL ALVES MEIRA DA CRUZ!

No dia de Páscoa da Ressurreição, 6 de Abril/80, depositou, novamente, 200 000\$, sem exigir qualquer tipo de documento comprovativo do empréstimo sem juros e sem prazo.

Belo exemplo e estímulo para quem não foi capaz de fazer para 10 contos!

Na Semana Santa, o Zé da Portela, emigrado em França abordou-nos, dizendo: «os meus filhos, ao jogarem no Ring lembrar-se-ão de que esta «história» custou algum suor ao pai». Aqui ficam 10 000\$.

Pela mesma altura, o Fernando da Silva Pocas, residente em Paços de Brandão, também anotou: «agora, sim, posso dar o meu empurrão ao calote das obras paroquiais. Três mil escudos, para já!»

E outros como:

Manuel Pedreira Rodrigues . . .	1 000\$00
«Tia» Lajota, Monte, Monte	1 000\$00 + 500\$00 + 500\$00
Cândido Areias, por ocasião do	
Baptizado	500\$00
Torcatto Caseiro, Belinbo	1 000\$00
Manuel Alves de Azevedo, Mi-	
lheiro	700\$00
Alguém de Azevedo	1 000\$00
Alguém de Guilheta	500\$00
Alguém ?	100\$00
Albino Vieira Simões, Monte. . .	500\$00

A boa vontade, entusiasmo e dedicação destes e de todos quantos trabalharam e contribuíram, são merecedores do nosso grito de Gratidão: — Bem hajam!

«O mundo só pode ser
melhor do que até aqui
— quando consigas fazer
mais pelos outros que por ti»

A. ALEIXO

P. Dr. Adélio

A seguir: ASSIM NASCEU A CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM 1592.

Lêa neste número:

Autarquias locais — pág. 2
Noticiário associativo — Juventude e vida — 4
Memórias da Nossa Terra — 1
Historial do Cruzeiro de Nossa Senhora dos Remédios — 1
Inventariação de imagens e valores artísticos da Igreja Paroquial — 2
Mês de Maio — visto pelos adolescentes — 9

A Defesa do Rio Neiva subiu à Assembleia da República — 1
E agora? A entrevista do mês, coordenação de depoimentos — 5
Bodas de prata Sacrdotais — Pe. Domingos Neiva — 1
Soubemos e Registamos — 1
Notícias Locais em síntese — 3
Emigrante — homenagem em verso — 7
Bom Humor! — 8

No próximo

Colónia de férias para crianças da Catequese. Quando? Como? Onde?
— A entrevista do mês por M.ª Otilia
Uma realidade plena: o recinto Polidesportivo Paroquial. Novas perspectivas para a prática do desporto

— trabalho conjunto da Jaeoca/catequese
Campo de Futebol — Correia de Oliveira — Que futuro? A Junta de Freguesia responde.
Obras Paroquiais — um saldo positivo

Memórias do Passado

M. FARIA VIANA

Em tempos idos, por ocasião das nossas festas, era costume levantarem-se Arcos Triunfais principalmente nas entradas do Adro ou dos recintos onde as festas se realizavam, além disso a onramentação e iluminação desses recintos, era feita pela mocidade da época, que a despique tentava fazer melhor de ano para ano; ainda há quem se lembre, do entusiasmo que havia por alturas da festa de Nossa Senhora das Vitórias quando os rapazes e raparigas iam ornamentar o Adro com bandeiras e cordões de papel de cores.

Havia na freguesia, pessoas que tinham vocação especial para orientar estes trabalhos e entre esses não podemos deixar de lembrar o Sr. Domingos Costa Neiva «Rocha». Quantos se recordam de o ver e dirigir e a desenhar os Arcos cobertos de verdura, que davam uma nota mais alegre às nossas festas.

Mais tarde este costume caiu em desuso e só muito raramente se ergue um Arco festivo o que só acontece por ocasião do

Senhor dos Enfermos ou em festividades especiais. Embora hoje a ornamentação dos recintos das festas seja feita por casas especializadas nesses trabalhos, há localidades que ainda conservam o costume de erguer os Arcos tradicionais; muitas vezes em despique com a terra visinha, a ver quem consegue fazer melhor.

Bem sabemos quantas canseiras e trabalhos isso acarreta, principalmente nos tempos de agora, e também não vimos pedir para que se ponha de pé novamente esse costume: Ao lembrá-lo tivemos apenas em mente, recordar à mocidade de agora, que aqueles que nos precederam, tinham brio em conservar, velhas tradições, transmitidas de geração para geração, à custa de muitas canseiras e trabalhos, de muito entusiasmo e boa-vontade.

PENSAMENTO

Sabemos que viver é Amar
e somos livres para o fazer